O mercado pede estratégia, não otimismo: eliminem a possibilidade de prejuízo enquanto é tempo!

Ignorando os fundamentos que levaram aos atuais e preocupantes níveis de estoques às vésperas do ciclo 2026/27, os agentes de mercado intensificam a precificação de uma safra recorde, em plena colheita no Brasil, embalados pela expectativa de crescimento das exportações e da recomposição parcial dos estoques mundiais. Fatores que até o mês passado sustentavam os preços, tal como um dólar mais fraco (abaixo de R$ 5,00), preocupações climáticas e prêmios de risco ligados às incertezas logísticas e financeiras do conflito no Oriente Médio, seguem voláteis e sem consistência. Em contraste, a safra brasileira avança com contornos cada vez mais concretos, e seu potencial recorde dificilmente será absorvido pelo mercado sem ajustes negativos nas cotações. Adicionalmente, dados preliminares do USDA para o ciclo 2026/27 apontam para safras mais expressivas no Vietnã, na Colômbia e na Etiópia, o que reforça o viés de baixa sobre os preços do café. Vale lembrar que, geralmente, os fundamentos de oferta e demanda tendem a se sobrepor às variáveis externas de curto prazo, e o atual cenário parece não fugir a essa regra. Conforme apontado na Síntese do mês passado, salvo a ocorrência de um evento climático de maior severidade, essa dinâmica tende a se acentuar no período de transição para a nova safra brasileira, criando condições propícias a pressões adicionais sobre as cotações. Diante desse cenário, uma estratégia comercial ativa e bem estruturada deixa de ser recomendável e passa a ser vital para o cafeicultor. **Fatores baixistas**: Oferta brasileira: proximidade de uma safra recorde no Brasil, cujas estimativas seguem sendo sendo revisadas para cima: a Conab revisou positivamente para 66,70 milhões de sacas enquanto o USDA publicou uma projeção preliminar de 71,90 milhões de sacas. / Oferta internacional: projeções do USDA apontam safras maiores no Vietnã (+2,52%), Colômbia (+7,20%) e Etiópia (+4,67%), reforçando o sentimento de abastecimento global mais confortável para o ciclo 2026/27. / Dólar mais forte: o dólar voltou a operar acima de R$ 5,00 (R$ 5,1763 no fechamento de 10/06), estimulando exportações e contribuindo para pressão negativa sobre as cotações internacionais. / Preços em backwardation: a estrutura de preços invertida na Bolsa de NY e de Londres, com o mercado disponível negociado com prêmio sobre os vencimentos futuros reforçam a possibilidade de mais quedas. / Compradores retraídos: na expectativa de maiores quedas para o segundo semestre, não somente das cotações nas Bolsas, mas também dos diferenciais de base menos atraentes para o disponível (cafés remanescentes) e mais atraentes para o segundo semestre (cafés novos). / Tecnicamente (análise gráfica): café perdeu força ao romper as mínimas de 2025, já se aproximando dos níveis de 2024. / Conflitos Geopolíticos: Apesar dos prêmios logísticos nos preços do café, principalmente dos Canephoras, a instabilidade no Oriente Médio e a consequente tendência de manutenção dos juros altos elevam a volatilidade cambial e a aversão ao risco, criando um cenário de instabilidade e pressão sobre os preços do café. **Fatores altistas**: Estoques globais criticamente baixos: dados do USDA apontam que os estoques de passagem do ciclo 2025/26 para o ciclo 2026/27 são incapazes de suprir sequer um mês e meio do consumo mundial, o que mantém os preços altamente sensíveis a qualquer adversidade climática. / Oferta imediata limitada: a disponibilidade segue extremamente baixa, reflexo de uma colheita ainda em fase inicial no Brasil, com destaque para os Canephoras, cujo ritmo está aquém do esperado e com registros de rendimento abaixo do previsto no Espírito Santo. / Ritmo lento nas exportações: dados da Secex apontam que o volume de café exportado pelo Brasil no mês de maio/2026, foi de aproximadamente 2,760 milhões de sacas, o que representa uma queda de 8,12% com relação ao mesmo mês de 2025. No acumulado dos primeiros cinco meses de 2026, o Brasil exportou algo em torno de 13,433 milhões de sacas, uma queda superior a 21% com relação ao mesmo

período do ano de 2025. / Estoques certificados também em níveis críticos: o volume certificado em NY despencou cerca de 50% quando comparado ao patamar registrado há exatamente um ano. Na Bolsa de Londres os estoques também seguem em níveis extremamente baixos. / Robusta com maior sustentação: as tensões no Oriente Médio seguem comprometendo o escoamento do produto entre Ásia e Europa, enquanto o atraso na colheita brasileira, aliado aos primeiros sinais de rendimento abaixo do esperado na produção, amplificaram as preocupações com o abastecimento. No lado asiático, a postura cautelosa dos produtores vietnamitas e o avanço lento da safra indonésia contribuíram para sustentar os Canephoras no mês de maio. / Diferenciais de base valorizados: Arábica - a postura cautelosa dos vendedores, combinada à escassez de café no mercado físico, mantém os prêmios do disponível em patamares elevados. Canephoras - A lentidão da colheita e as incertezas em torno do potencial produtivo sustentam a cautela dos vendedores brasileiros. Apesar dos diferenciais mais valorizados, os Canephoras do Brasil seguem competitivos em relação ao Vietnã e à Indonésia, o que mantém o interesse de compradores internacionais. / Riscos climáticos: o El Niño atenua o risco de geadas, mas pode trazer outros desequilíbrios climáticos, tal como excesso de chuvas em áreas de colheita de Arábica e seca em regiões como Espírito Santo, Indonésia e Vietnã, que mantêm o radar climático em alerta.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Os fundamentos de oferta e demanda, tal como safra recorde, recomposição de estoques, maior exportação, tendem a prevalecer sobre os fatores de suporte de curto prazo (estoques baixos, atraso da colheita, El Niño). O mercado já sinalizou essa direção com clareza. Esperar uma reversão expressiva das cotações, sem um evento climático severo que mude estruturalmente o cenário produtivo, é uma aposta de alto risco. O cenário é claramente baixista no médio prazo, com o peso da safra recorde brasileira ainda sendo absorvido pelo mercado ao longo dos próximos meses. Neste contexto, o produtor que ainda retém café da safra 2025 enfrenta uma janela estreita. Com a colheita avançando e mais café novo chegando ao mercado nas próximas semanas, a tendência é de compressão adicional dos prêmios. Vender o remanescente da safra 2025 agora, aproveitando os diferenciais ainda relativamente firmes do disponível, pode ser a decisão mais prudente. Já para os cafés da safra 2026, ***a estratégia comercial deve focar em eliminar possibilidade de prejuízos.*** ***Mas como?*** *Comercializando uma parte dos primeiros lotes que produzirem para aproveitar o prêmio atual do disponível e travando uma parcela da produção a termo, pois, embora os preços futuros sejam inferiores aos atuais, seguem assegurando uma rentabilidade, que pode chegar à ordem de 50% a 100% a depender do custo, o que justifica a proteção.* ***A ideia é que venda parcial dos primeiros lotes somada à trava para o segundo semestre garanta minimamente o break-even (ponto de equilíbrio) da operação, ou seja, o pagamento dos custos de produção, pois assim o produtor se protege de qualquer possibilidade de prejuízos que possa existir****. Além disso, como no mercado de café, nada é impossível, é sugestivo que uma parcela seja retida estrategicamente para capturar eventuais janelas de alta geradas por fatores externos como câmbio, geopolítica ou, até mesmo, uma adversidade climática (torçamos para que não). Em síntese, o atual cenário exige atuação estratégica e ativa do produtor no mercado:* ***proteção* financeira hoje vale mais do que a aposta em uma alta cujos fundamentos de oferta e demanda, por ora, não sustentam. No momento, o mercado pede estratégia, não otimismo.**

Varginha, 10 de junho de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé